

A SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL TRANSFORMADA EM AÇÕES PRÁTICAS NAS ORGANIZAÇÕES: UM ESTUDO NA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA⁴

RESUMO

O presente estudo analisa como o movimento em favor da sustentabilidade ambiental tem sido transformado em ações práticas nas organizações, inclusive na Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Tais ações são averiguadas através da pesquisa de campo com abordagem quantitativa, observando como a Organização da IASD está procedendo diante deste cenário voltado para a preocupação ambiental. Usa-se o questionário semiestruturado na coleta de dados e o programa PSPP para analisá-los. Os resultados apontam que, na IASD, ações que se caracterizam como ambientalmente sustentáveis ainda são incipientes, tanto de forma organizacional quanto no comportamento dos membros. Contudo, identificou-se que o posicionamento diante das questões ambientais tende a mudar, visto que a organização reconhece a importância de conservar o meio ambiente, mesmo porque é um dom de Deus, e seus membros admitem que este é um tema relevante na atualidade, além de estar presente na Bíblia. Por fim, admitem disposição em contribuir com os esforços da sociedade que visem a preservação ambiental.

Palavras-chave: Sustentabilidade Ambiental. Ética Organizacional. Organização da IASD.

ABSTRACT

This study examines how the movement for environmental sustainability has been transformed into practical actions in organizations, including the Seventh-day Adventist Church (SDA). Such actions are investigated through field research with quantitative approach, noting how the SDA Organization is proceeding before this scenario facing environmental concerns. It uses semi-structured questionnaire to collect data and PSPP program to analyze them. The results show that in the SDA, actions that are characterized as environmentally sustainable are still incipient, both organizationally and in the behavior of members. However, it was identified that the position on environmental issues tends to change, because the organization recognizes the importance of conserving the environment, because it is a gift of God, and its members admit that this is a relevant topic in the news, besides being present in the Bible. Finally, admit willingness to contribute to society efforts aimed at environmental preservation.

Key-words: Environmental Sustainability. Ethics Organizational. SDA organization.

¹ Bacharelado em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT/IAENE).

² Mestrando em Computação e Sistemas (UNIFACS) - Orientador específico.

³ Doutora em Educação e Sociedade pela Universidade de Barcelona - Orientadora metodológica.

⁴ Artigo apresentado ao Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia como requisito obrigatório parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia.

INTRODUÇÃO

O movimento em favor de ações ambientalmente sustentáveis dentro das organizações, indústrias e empresas tem sido um dos mais importantes deste século. A preocupação mundial com o meio ambiente ganhou, e vem ganhando força, especialmente, após as reuniões da ONU iniciadas a partir da década de 70. Porém, foi após a reunião de 1992, conhecida como Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), a Eco-92, que registrou-se parâmetros palpáveis para a diminuição dos impactos causados pela atividade produtiva das empresas e organizações (SEIFFERT, 2007). Com efeito, nenhum movimento social reuniu mais chefes de Estado como aconteceu nos eventos de 1992 no Rio de Janeiro, 2007 em Johannesburg (BARBIERI, 2010, et. al) e na reunião de 2012, novamente no Rio de Janeiro.

Como resultado, ocorreram importantes mudanças no cenário mundial no que diz respeito à situação ambiental do planeta Terra, pressionando as organizações a repensarem suas atividades produtivas, desde a fundação das instalações e utilização da matéria prima, até o descarte dos resíduos resultantes do processo produtivo. Pressão esta que não se limita somente à estrutura e métodos internos, mas “as organizações são cada vez mais pressionadas para olhar o impacto de suas operações para além de suas paredes institucionais” (ALIGRELI, et al., 2009; MOHR e WEBB, 2005 apud FERREIRA, et al., 2010), uma vez que a imagem da empresa diante da sociedade (stakeholders⁵ etc.) é essencial para o sucesso do negócio.

Embora não exista ainda um número grande de ações empresariais preocupadas com a situação ambiental, é possível observar uma tímida mudança cultural nas poucas empresas que o fazem, o que as leva ao destaque em seus respectivos setores ao passo que apresentam padrões na aplicação do comportamento ambientalmente sustentável, se tornando modelos de excelência ambiental (DIAS, 2010), como no caso da Coca Cola e da Nestlé que alavancaram tanto as receitas quanto a imagem da empresa após terem adotado medidas sustentáveis em seus processos de produção (DEPARTAMENTO DE SUSTENTABILIDADE WALMART BRASIL, [DSWB], 2011).

Às organizações cristãs também têm sido atribuída responsabilidade ética diante da preservação do meio ambiente. Geisler (2010) afirma que tem havido um crescimento e desenvolvimento de grupos evangélicos ligados com a ética ambiental, especialmente nos EUA. Alguém até poderia se questionar se a responsabilidade ética das organizações (igrejas) deve fazer parte das preocupações dos grupos religiosos, ou se este é um desvio do sentido original das Escrituras. Porém, se é crescente a popularização do assunto entre as correntes científicas mais importantes e o mundo secular tem sido levado a se posicionar, é também responsabilidade ética dos empreendimentos cristãos se comprometerem com questões ambientais, pois a eles também foi dada responsabilidade civil, social, econômica e ambiental. Deste modo, a ética e o respeito devem ser elementos norteadores de sua relação para com meio ambiente e as espécies animais e vegetais nele existentes, bem como a gestão

⁵ Stakeholder é um termo usado em Administração para designar o grupo de agentes interessados nos negócios organizacionais. Entre eles estão os acionistas, investidores, governo, clientes etc. Para maiores esclarecimentos ver Kotler, 2006.

ambiental de seu “negócio” deve estar entre suas práticas administrativas de modo a imprimir o menor desgaste possível ao ambiente no qual desenvolvem suas atividades.

Dada a importância do tema, tanto para a sociedade secular quanto para organizações religiosas, esta investigação pretende responder como a sustentabilidade tem sido transformada em ações práticas nas organizações, inclusive na Organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Falar de sustentabilidade ambiental, dentro do escopo deste trabalho, constitui-se tema relevante porque contribuirá para uma visão mais ampla e realista das atitudes que as empresas têm tomado para reduzir os impactos ambientais derivados das atividades produtivas. Também porque a sociedade espera uma mudança positiva nos processos de produção daquelas que são consideradas as maiores responsáveis pela poluição e degradação do meio ambiente, uma vez que, segundo Barbieri (2009) a “adesão das empresas ao desenvolvimento sustentável vem inicialmente de fora para dentro, [ou seja], entidades governamentais e da sociedade civil organizada vem responsabilizando-as pelos processos de degradação social e ambiental que atingiram todo o planeta”.

Há também uma profunda motivação pessoal despertada a partir de leituras de renomados teóricos e da própria observação da realidade de descaso com o meio ambiente e dos recursos nele existentes. No âmbito acadêmico, a pesquisa será relevante porque contribuirá para o entendimento atualizado de um tema que ganhou espaço com muita rapidez no meio científico, pois tem suas implicações para todos os ramos de pesquisas científicas.

A finalidade deste estudo foi analisar a sustentabilidade ambiental em termos práticos no cenário organizacional e suas implicações para a Organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Buscando clarear as questões relacionadas ao tema proposto, fez-se necessário conceituar Sustentabilidade Ambiental, direcionando seu foco para as implicações éticas nas organizações do século XXI, uma vez que é crescente a percepção da sociedade sobre a importância de se preservar o meio ambiente, tanto no presente quanto para o futuro. Destacou-se também as iniciativas sustentáveis de grandes organizações como é o caso do Walmart com seu inovador programa Sustentabilidade de Ponta a Ponta.

Com base nisto, através da pesquisa de campo, o trabalho buscou descobrir qual a relevância do tema para os membros desta comunidade cristã, questionando-os se este é um tema presente nas Sagradas Escrituras, além de identificar se algum esforço ambientalmente sustentável tem sido investido no intuito de incluir a(s) IASD(s) no grupo de organizações contribuintes para o desenvolvimento sustentável e para a diminuição dos impactos ambientais.

A abordagem quantitativa foi aplicada ao tipo de pesquisa que utiliza o estudo de campo, aproximando e correlacionando teoria com vivência diária. O estudo teve como universo as igrejas localizadas no Recôncavo da Bahia, limitando-se àquelas pertencentes à Associação Bahia Central, localizada em Feira de Santana, de onde também foi selecionada a população de membros que participaram da pesquisa. O cálculo da amostra levou à aplicação de setenta questionários, que permitiu o levantamento dos dados, sobre os quais se desenvolveu a análise dos resultados. Para coletar os dados, utilizou-se o questionário semi estruturado e o software PSPP data editor para

analisar e interpretar os resultados.

O trabalho está dividido em cinco partes além desta introdução. No tópico a seguir, expõe-se o conceito de Sustentabilidade Ambiental (SA). Logo após, apresenta-se as implicações éticas da ‘SA’ para a sociedade e organizações do século XXI. Na sequência, destaca-se os procedimentos sustentáveis adotados por grandes organizações como o Walmart. Na quinta seção, mergulhando o trabalho na análise dos dados propriamente dito, considera-se o perfil ambiental na IASD, seção na qual delinea-se a metodologia da pesquisa. A sexta etapa está destinada às conclusões geradas pelo estudo onde são também expostas as considerações finais e as limitações da pesquisa.

O CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

O conceito de Sustentabilidade Ambiental nasceu a partir de três importantes, mas não únicas, Conferências da ONU e seus respectivos Relatórios. Não só o conceito, mas a crise ambiental que envolve o planeta e, por consequência, o mundo empresarial, emergiu na década de 70, tendo como marco a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano (MAH) em 1972, em Estocolmo, na Suécia. Desta conferência, resultaram a declaração de um Plano de Ação Mundial para o Meio Ambiente Humano que contém 109 recomendações e a criação do PNUMA, órgão responsável pelo monitoramento do avanço da situação ambiental e seus impactos (SEIFERT, 2007), além de “lançar as bases para a abordagem dos problemas ambientais numa ótica global de desenvolvimento” (DIAS, 2010, p. 17). Já em 1987, a Comissão de Brundtland salientou, em seu relatório “Nosso Futuro Comum”, a importância da proteção do ambiente na realização do desenvolvimento sustentável, oferecendo alicerces para a criação de outro documento, a “Carta Empresarial”, onde há 16 princípios norteadores das organizações quanto à gestão do meio ambiente (TACHIZAWA, 2008).

Estas duas datas e suas respectivas conferências, 1972 e 1987, serviram de base para a célebre conferência da ONU, denominada Eco-92, realizada no Rio de Janeiro, em 1992. Dentre outros, esta conferência originou dois importantes resultados – a Agenda 21 e as normas da série ISO 14000, ambos valiosíssimos para a gestão ambiental, nos âmbitos macro e micro organizacional, respectivamente (SEIFERT, 2007). Para Barbieri (2009, p.44), “pode-se dizer que a CNUMAD (Eco-92) iniciou um novo ciclo de conferências sobre desenvolvimento e meio ambiente no âmbito da ONU” apontando comportamentos geradores de efeitos ambientais negativos, além de destacar que “a proteção ambiental constitui parte integrante do processo de desenvolvimento, e não pode ser considerada isoladamente deste” (DIAS, 2010, p. 19). “De fato, um novo paradigma de desenvolvimento deve permitir uma profunda revisão das práticas atuais de incorporação do patrimônio natural, através de novas formas de organização social e de novos padrões de produção e consumo” (MOURA, 1992, p. 38 apud MOTTA & ROSSI, 2003, p. 47).

Este contexto permite discutir a ideia de sustentabilidade ambiental e seu tema intrínseco como desenvolvimento sustentável, além de abrir espaço para salientar suas implicações éticas, sociais e econômicas. Observa-se que, devido à dimensão do tema, não se caracteriza como fácil a tarefa de identificar uma definição exata para “sustentabilidade ambiental” (CLARO, et al. 2008). Porém,

pode-se sugerir acepções como, na definição de Barbieri (2009, p.33,34), “o conceito tradicional de sustentabilidade tem sua origem nas Ciências Biológicas e aplica-se aos recursos renováveis, principalmente aos que podem se exaurir pela exploração descontrolada, como cardumes de peixes e espécies vegetais das florestas naturais”.

Refletindo sobre a relação intrínseca entre sustentabilidade e desenvolvimento, Loures (2009, p.4) sugere que “sustentabilidade é o novo nome do desenvolvimento, incluindo suas várias dimensões: econômica, social, cultural, físico-territorial e ambiental, político-institucional, científico-tecnológica e, para alguns, espiritual”. Se a sustentabilidade pode ser vista em várias dimensões, nas quais o ser humano, ser racional, faz gravitar em torno de si os demais “entes”, de fato, deve-se buscar equidade de propósitos, pois “os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, redução dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Os benefícios do desenvolvimento não estão [são] sendo divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres está aumentando” (CARTA DA TERRA, 2000, p.7 – inserção entre colchetes pelo pesquisador). Leff corrobora esta ideia afirmando que a crise ambiental reflete a irracionalidade ecológica dos padrões dominantes de produção e consumo, marcando os limites do crescimento econômico. Assim, para este autor, “a sustentabilidade ecológica aparece como um critério normativo para a reconstrução da ordem econômica, como uma condição de sobrevivência humana e um suporte para chegar a um desenvolvimento duradouro, questionando as próprias bases da produção” (LEFF, 2009, p. 15).

Ampliando o conceito de sustentabilidade e incluindo o termo “ecologia”, Barbieri se apoiando em Guimarães diz que sustentabilidade ecológica refere-se “à base física do desenvolvimento e à manutenção dos estoques de recursos naturais incorporados às atividades produtivas” ao passo que “sustentabilidade ambiental se relaciona com a capacidade da natureza de absorver as ações antrópicas e se recompor” (GUIMARÃES, 1994, apud BARBIERI, 2009, p. 41).

Como explicitado acima, embora não haja consenso entre autores sobre a definição exata do termo, a Sustentabilidade Ambiental pode ser entendida como a capacidade de utilização dos recursos naturais dispostos no meio ambiente, inclusive a vida animal nele existente, visando a subsistência humana e a satisfação de seus desejos e necessidades e para a produção de bens e serviços nas atividades empresariais. Contudo, é preciso prestar atenção à finitude destes recursos e do respeito ao tempo necessário de recomposição. Ou seja, sustentabilidade ambiental indica ação responsável, consciente e racional sobre o meio ambiente, respeitando sua capacidade de reposição e regeneração, reduzindo ao máximo os impactos negativos sobre o mesmo.

Confirmando o pensamento de Loures (2009), sem, contudo, excluir o pensamento dos demais autores, entende-se que, genericamente, o termo sustentabilidade ambiental tem sido interpretado mais comumente como “desenvolvimento sustentável”, termo denominado pelo relatório de Brundtland como o desenvolvimento que “satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades” (CMMAD, 1988, p. 46 apud BARBIERI, 2009, p. 19; SEIFFERT, 2007, p. 26; CAVALCANTI, 1998; CLARO, et. al. 2008). Este Relatório também abrange outros aspectos do desenvolvimento, tais como a condição social humana, fatores culturais e fatores econômicos. **Por isso**, o termo desenvolvimento sustentável abriga um conjunto de paradigmas para o uso dos recursos que visam atender as necessidades humanas, “possuindo uma conotação

extremamente positiva, tendo sido adotado por entidades internacionais para marcar uma nova filosofia que combina ecoeficiência econômica, justiça social e prudência ecológica” (CAVALCANTI, 1998, p.150).

Gro Harlem Brundtland defende fortemente a ideia de que não é possível estudar o “meio ambiente” como um objeto separado do cenário social e do desenvolvimento econômico. Segundo suas palavras

O meio ambiente não existe como uma esfera desvinculada das ações, ambições e necessidades humanas [...] é no meio ambiente que todos vivemos (social); o desenvolvimento (econômico) é o que todos fazemos ao tentar melhorar o que nos cabe [...] os dois são inseparáveis. (CMMAD, 1988, p. xiii apud BARBIERI, 2009, pp. 20, 21 - inserções grifadas pelo pesquisador).

Assim, embora Sachs (1986) apud Silva (2008) inclua duas dimensões a mais – a espacial e a cultural – na discussão sobre a abrangência do desenvolvimento sustentável, boa parte dos autores como Seiffert, (2007), Barbieri (2009) e Dias (2010), entre outros, atribuem três dimensões: a ambiental, o econômico e o social. Ou seja, como os recursos são utilizados (ambiental), como se transformam (econômico) e como os ganhos são distribuídos (social). (SACHS, 1986, apud SILVA, 2008, p. 17). É perceptível que as empresas não estão isoladas do contexto social e ambiental nos quais estão inseridas, visto que “até alguns anos atrás os temas econômicos ocupavam de forma exclusiva a vida das empresas. Atualmente, as preocupações ambientais e sociais estão presentes na pauta prioritária de muitas corporações” (LOURES, 2009, p. 9).

Comumente, o primeiro aspecto destacado pelos autores é o ambiental. Este aspecto incentiva as organizações a pautarem seus processos produtivos com base na eco-eficiência, adotando métodos de produção menos agressivos ao meio ambiente, a chamada Produção Mais Limpa (PML), ao mesmo tempo desenvolvendo a cultura ambiental organizacional, participando de atividades voltadas para a conscientização no que diz respeito à preservação ambiental (DIAS, 2010). Para Nascimento, a questão ambiental

[...] supõe que o modelo de produção e consumo seja compatível com a base material em que se assenta a economia, como subsistema do meio natural. Trata-se, portanto, de produzir e consumir de forma a garantir que os ecossistemas possam manter sua autorreparação ou capacidade de resiliência. (NASCIMENTO, 2012, p. 55).

Em segundo lugar, o aspecto econômico pressupõe que as empresas sejam economicamente viáveis, ao mesmo tempo em que utilizam os recursos naturais de modo que o negócio tenha condições de subsistir, ou seja, se extinguir-se a matéria prima, a empresa sofre danosas consequências (DIAS, 2010, NASCIEMENTO, 2012). Assim, “o pressuposto econômico só pode ser alcançado se houver valorosa economia dos recursos naturais e a mínima degradação dos mesmos” (SEIFFERT, 2007, p. 30).

Por fim, o aspecto social representa a criação de um sistema que equilibre a distribuição de renda e de direito aos recursos dispostos no ambiente, uma vez que ele pertence a todos e é direito de todos (AGENDA 21, 1995). Somado a isto, deve estar a inclusão social e melhores condições de trabalho

dos colaboradores. “Isso significa erradicar a pobreza e definir o padrão de desigualdade aceitável, delimitando limites mínimos e máximos de acesso a bens materiais. Em resumo, implantar a velha e desejável justiça social” (NASCIMENTO, 2012, p. 56). Nestes modelos é que deve-se avaliar a inclusão sócio-econômico-ambiental das organizações, implicando a “mudança dos processos de produção, dos valores sociais e das relações de poder para construir ma nova racionalidade produtiva com a gestão participativa da cidadania” (LEFF, 2009, p. 86).

IMPLICAÇÕES ÉTICAS DA SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL PARA AS ORGANIZAÇÕES

A sociedade sempre dependeu de valores e princípios que normatizassem a conduta de seus componentes, imprimindo padrões de comportamento que permitissem a vivência em comunidade e o compartilhamento do ambiente comum. Este padrão de valores que norteiam as ações humanas pode ser traduzido como “ética”, que envolve tanto aspectos morais quanto sociais. Neste cenário, ética pode ser entendida como a “ciência voltada para o estudo filosófico da ação e conduta humana, considerada em conformidade ou não com a reta razão” (GER,1979, apud ARRUDA, 2005 et. al). O conceito bem definido de ética e o desenvolvimento de princípios morais são essenciais para as relações dos seres humanos entre si e destes para com o meio que os envolve. Portanto a mesma ética que embebe os atos humanos deverá influenciar as atividades das empresas, uma vez que “Empresa” indica a busca de várias pessoas por um objetivo comum através da integração das atividade tanto de operários quanto de administradores (ALONSO, 2006 et. al).

Por isso, em torno da sustentabilidade nasceu o conceito de Ética Empresarial que tem exercido sua influência no intuito de tornar as organizações mais responsáveis diante da própria sociedade e na maneira como orienta suas relações com o ambiente no qual esta inserida. A ética é imprescindível para a sustentabilidade (LOURES, 2009), quer seja como um atributo intrínseco ao ser humano quer seja desenvolvida e promovida por ele em sua esfera de influência.

Uma vez que a ética já vem sendo considerada função reguladora da conduta científica (BURSZTYN, 2002 et al.) e já é discutida há anos no contexto empresarial (ARRUDA; WHITAKER e RAMOS, 2005), tanto nos procedimentos internos quanto no relacionamento com o público e os fatores externos, nada mais justo que torná-la um agente regulador do comportamento organizacional exploratório sobre o meio ambiente, haja vista, preço e qualidade não são mais os únicos fatores identificadores de empresas competitivas (ALIGLERI; ALIGLERI e KRUGLIANSKAS, 2009).

Corroborando a importância da ética nas empresas, num contexto em que o setor empresarial contribui substancialmente para o desenvolvimento da sociedade, Teixeira (1991, p. 14) já afirmava que “a ética é parte essencial do setor empresarial, não uma ideia abstrata imposta de fora. Ela aprovisiona a base na qual o mundo empresarial está organizado e o contexto no qual ela opera”. Nash (1993) comentando o termo “ética nos negócios” define-o como

o estudo da forma pela qual normas morais pessoais se aplicam às atividades e aos objetivos da empresa comercial. Não se trata de um padrão moral separado, mas do estudo de como

o contexto dos negócios cria seus problemas próprios e exclusivos à pessoa que atua como um agente desse sistema (NASH, 1993, p. 6).

Ou seja, o mundo empresarial e seus gestores, tem a possibilidade, ou o dever, de criar procedimentos éticos relacionados à sustentabilidade ambiental e canalizá-los à melhor utilização dos insumos de produção e seus processos produtivos, quer por motivos econômicos, quer por motivos meramente ambientais, de maneira transparente e fiel aos recursos colocados em suas mãos (LOURES, 2009). A ética, direcionada às questões ambientais servirá como equilíbrio para a sociedade de consumo, para o progresso econômico e para a criação de uma comunidade e cultura organizacional centrada na importância da preservação dos recursos presentes, deixando os consumidores cientes de sua responsabilidade de equilibrar suas necessidades e desejos, barrando o “progresso” econômico que colocou o mundo à beira de um colapso ambiental (LEFF, 2009).

Assim, a ética fortalece a resposta ao apelo deixado pelos impasses criados pelo modelo de consumo desmedido e descomprometido com a saúde do ambiente natural que abriga o mundo empresarial. A consciência das possibilidades reais de que a humanidade possa se autodestruir, pela vontade colossal de satisfação de suas necessidades, a concepção da finitude dos recursos naturais, o entendimento de que é preciso agir com cautela ao considerar as facetas éticas do desenvolvimento da tecnologia, são alguns dos motivos salientados por Bursztyn (et al. 2002) que deveriam levar as organizações a uma mudança em seu comportamento diante das questões ambientais.

SUSTENTABILIDADE PRÁTICA NAS ORGANIZAÇÕES: O CASO WALMART

As organizações são consideradas por Peter Senge como um sistema aberto que está em constante interação com o ambiente externo, influenciando e sendo influenciado por ele (SENGE, 2009). Assim, apesar de a preocupação com os impactos sociais ter sido tema de elevado interesse entre os círculos políticos, houve e tem havido um grande despertar no mundo organizacional que percebeu que suas atitudes e posicionamentos, à luz do que disse Senge, tem impactos na forma como são enxergadas pela sociedade, pelos stakeholders e pelo governo (ALONSO; LÓPEZ & CASTRUCCI, 2006).

No que diz respeito à sustentabilidade ambiental não tem sido diferente, mesmo porque, este tema tem sido considerado como integrante das questões sociais que ampliam o processo de mudança, produzindo harmoniosa integração dos interesses do desenvolvimento (econômico/social) e as necessidades da sustentabilidade (ambiental/ecológica). Apesar de existir grande discussão sobre os motivos que levam as empresas a serem sócio-ambientalmente responsáveis, grandes empresas estão se adaptando às novas “tendências” sociais, mudando seus procedimentos, suas técnicas, sua filosofia de valores e princípios, experimentando uma real transformação no dia a dia da produção. Este tipo de procedimento ganhou força nas últimas décadas e pode ser visto na mudança de paradigmas identificada nas organizações localizadas na Alemanha Ocidental que começaram a observar que as aparentes despesas com a conservação ambiental estavam retornando em benefícios, tornando-as mais competitivas (PEDRINI, org. 2007).

Um dos grandes precursores do movimento que vem conscientizando cada vez mais pessoas e empresas a se tornarem sustentáveis em todo o processo produtivo é o Walmart Brasil, que tem trabalhado para “colocar à disposição dos clientes produtos com diferenciais de sustentabilidade e para reduzir o impacto de seus negócios na cadeia de valor” (DSWB, 2010). Com o inovador programa “Sustentabilidade de Ponta a Ponta”, esta empresa tem conquistado a parceria de outras gigantes multinacionais como Coca Cola, Ambev, Philips, Nestlé entre outras. Este programa se configura como “uma iniciativa do Walmart Brasil em parceria com seus fornecedores comerciais para aplicar uma visão de ciclo de vida dos produtos, desde a extração dos recursos naturais até a fase de pós-consumo. O objetivo é reduzir impactos ambientais e estimular a melhoria contínua de produtos” (DSWB, 2011)

Iniciativas como esta tendem a ser crescentes, impulsionadas pelo exemplo de grandes organizações e não só por força de leis ambientais governamentais. Na tabela abaixo é apresentado um resumo do que propõem as empresas participantes do programa Sustentabilidade de Ponta a Ponta.

QUADRO 1: Empresas participam o programa Sustentabilidade de Ponta a Ponta do Walmart

AMBEV	A Ambev desenvolveu uma nova tecnologia na sua embalagem do Guaraná Antártica 2 litros com utilização de matéria-prima reciclada pós-consumo aprovada para alimentos, aprimorou seu processo produtivo e fomentou a sustentabilidade do cultivo do guaraná.
DANONE	A Danone Brasil ampliou o seu apoio na cadeia de produtores de leite aumentando a eficiência de produção, aplicou uma nova tecnologia para reduzir a embalagem do Danoninho 360gr e otimizou seu processo produtivo.
KRAFT FOOS	A Kraft Foods Brasil desenvolveu melhorias nos produtos da marca Halls, contemplando o processo de fabricação e a redução do uso de materiais de embalagem.
L'OREAL BRASIL	A L'Oréal reduziu o peso de suas embalagens do Shampoo, Condicionador e Creme para Pentear da Linha Elsève em até 21% e aprimorou seu processo produtivo.
KIMBERLY CLARK	A Kimberly-Clark melhorou o desempenho ambiental do Neve Naturali que já vem sendo fabricado com 100% de fibras recicladas, o que exigiu mudanças complexas no processo produtivo de uma de suas fábricas.
PHILIPS	A Philips Brasil realizou um trabalho focado na eficiência energética durante o uso de um novo TV LED de 32 polegadas, e na redução do peso e da embalagem do novo produto.
WALMART BRASIL	O Walmart Brasil desenvolveu melhorias nas Aveias Sentir Bem contemplando toda a sua cadeia produtiva, desde o plantio da aveia até o descarte de suas embalagens.

Fonte: Descrição de procedimentos adotados no programa Sustentabilidade de Ponta a Ponta Walmart. Fonte: DSWB, 2011.

Buscando ampliar o raio de influência de sua política de produção, e aumentar os benefícios ao meio ambiente e à sociedade, este programa tem como metas o alcance de:

1. Reduzir em 70% o fosfato nos detergentes para lavanderia e cozinha até 2013;
2. Desenvolver um sistema de indicadores de produtos até 2015;
3. Oferecer produtos de lavanderia, no mínimo, 2 x mais concentrados até 2012;
4. Liderar pelo exemplo em sustentabilidade com produtos de Marca Própria;
5. Oferecer pelo menos 1 produto orgânico por categoria de alimentos até 2012;
6. Cumprir os Pactos da Pecuária, Madeira, Soja e pela Erradicação do Trabalho Escravo;
7. Até o final de 2015 expandir para todos os fornecedores, em nível mundial, as práticas já existentes do Walmart Brasil relativas à origem da carne, assegurando que sua produção não contribui para o desmatamento da Floresta Amazônica;
8. Até 2015 pelo menos dobrar as compras de pequenos e médios agricultores que integram o Clube dos Produtores;
9. Implantar a Política de Compra Responsável da Cadeia de Pescados até 2016. (DSWB, 2011).

Essa consciência responsável nasce a partir do pensamento de que se a empresa consome os recursos naturais, que são entendidos pela Agenda 21 como direito de todos, e utiliza da capacidade intelectual e braçal da própria sociedade, é mais do que esperado que tais empresas deixem um ambiente sustentado para esta sociedade que dá significância aos propósitos da própria empresa. Isto parece estar se tornando realidade a exemplo da conclusão de Claro quando diz que:

A preocupação de muitas organizações com o problema da poluição, por exemplo, tem feito com que elas reavaliem o processo produtivo, buscando a obtenção de tecnologias limpas e o reaproveitamento dos resíduos. Isso tem propiciado grandes economias, que não teriam sido obtidas se elas não tivessem focado esse problema. Os benefícios econômicos podem resultar de economia de custos ou incremento de receitas. Os benefícios estratégicos resultam da melhoria da imagem institucional, da renovação da carteira de produtos, aumento da produtividade, alto comprometimento do pessoal, melhoria nas relações de trabalho, melhoria da criatividade para novos desafios e melhoria das relações com os órgãos governamentais, comunidade e grupos ambientalistas (CLARO, et al. 2008).

Apesar de estar distante de solucionar todos os problemas ambientais, este tipo de iniciativa aponta para o início daquele comportamento que pode resolver o conflito existente entre desenvolvimento e sustentabilidade, ao mesmo tempo que atende às demandas de consumo da população. A própria população, que usufrui dos produtos gerados para satisfazer suas necessidades, responde positivamente às iniciativas das organizações, pois, segundo pesquisa do Instituto Ethos, realizada na cidade de São Paulo, 64% das pessoas pesquisadas mudariam de produto se soubessem que a empresa é socialmente (inclua-se o meio ambiente) irresponsáveis e despreocupadas com os impactos de suas atividades (PEDRINI, et al., 2007). Desta maneira, fica patente que as pessoas, direta ou indiretamente, aprovam o comportamento preservador dos recursos naturais que garantirão o bem estar e suprimento das necessidades das gerações presentes e das futuras.

O PERFIL SUSTENTÁVEL DA IASD

METODOLOGIA

A finalidade deste estudo foi analisar como a sustentabilidade ambiental tem sido incorporada nas organizações e nos procedimentos da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Buscando informações que embasassem a construção da argumentação, como é típico no estudo exploratório (GIL, 1993, p. 45 apud MICHEL, 2009; CRESWELL, 2007), foi realizado um levantamento do estado da arte e das principais questões no que se refere à sustentabilidade ambiental, à ética organizacional e às práticas ambientalmente sustentáveis adotadas pelo Walmart e seus parceiros. A abordagem da pesquisa utilizada neste estudo foi o método quantitativo, pois objetivou-se colher a opinião dos respondentes, identificando suas características comportamentais, sem, contudo, levar em conta sua motivação e razões para tais comportamentos. Visando conhecer a opinião dos consumidores foi utilizado como tipo de pesquisa a ‘pesquisa de campo’, que procura estudar indivíduos, grupos, instituições etc, buscando compreender os diversos aspectos da sociedade. Como instrumento de coleta de dados, recorreu-se ao questionário semi estruturado que “trata de um conjunto de questões previamente elaboradas, que sugerem várias respostas, onde o informante escolhe respostas selecionadas ao lado de cada pergunta permitindo colher informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, expectativas etc.” (GIL, 2011, p. 121).

O estudo dos dados foi feito sobre as opiniões de um grupo de setenta participantes que responderam ao questionário semiestruturado permitindo identificar se os membros das Igrejas pertencentes ao escritório regional da IASD localizado em Feira de Santana têm visto e feito algum esforço no sentido de preservar o meio ambiente, quer na vivência individual diária, quer nos procedimentos internos das igrejas - como economia de água, reciclagem de produtos, melhor utilização da luz natural etc., além de analisar a relevância do tema para esta organização cristã. As perguntas elencadas dentro do questionário foram divididas em duas grandes categorias: a cognitiva, que buscou identificar se os membros estão atentos quanto a relevância do tema; e a comportamental, que tentou observar se eles têm alguma atitude prática que diminua os impactos sobre o meio ambiente. Observou-se também, quais as iniciativas da organização da IASD na busca de incluir-se no grupo de organizações ambientalmente sustentáveis. Todos os resultados derivam da aplicação dos questionários nas igrejas descritas acima, o que os limita ao âmbito das opiniões dos respondentes das respectivas localidades. A classificação econômica foi feita com base no Critério de Classificação Econômica da Associação Brasileira de Empresas e Pesquisa (CCE-ABEP, 2012). A Organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia é estudada aqui como um corpo organizacional estabelecido praticamente no mundo todo, com aproximadamente 12 milhões de membros. Está dividida em três níveis administrativos: igrejas e congregações que formam uma Associação ou Missão; estas por sua vez formam uma União; e as Uniões formam a Associação Geral da IASD⁶. Assim, foram

⁶ Maiores informações sobre a Organização da IASD, sua missão e crenças estão disponíveis em: <http://www.portaladventista.org/portal/quem-somos/4-sobre-os-adventistas>.

selecionados alguns que definiram as características básicas que incluiriam as igrejas pesquisadas no padrão de procedimentos ambientalmente sustentáveis. Estes aspectos seriam suficientes para que cada igreja fosse considerada comprometida com a sustentabilidade, ainda que de maneira informal ou “rústica” e não sofisticada. As características que nortearam a pesquisa são relacionados no quadro 1.

QUADRO 1: DESCRIÇÃO DOS ASPECTOS OBJETIVADOS NA PESQUISA

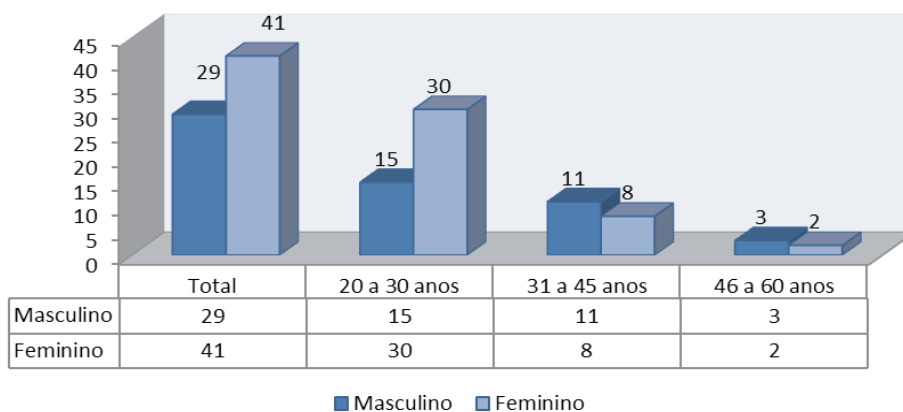
- Torneiras com dispositivo que evita o desperdício de água;
- Recipientes que reutilizam água da chuva ou procedimento semelhante;
- Descargas para vaso sanitário que reduzem a quantidade de água utilizada;
- Substituição ou menor utilização dos copos descartáveis;
- Prática da coleta seletiva nos resíduos de casa e da Igreja;
- Mecanismos de aproveitamento da luz e energia solar;
- Aproveitamento da água utilizada para encher os tanques batismais;
- Aproveitamento ou descarte correto de entulhos utilizados nas construções e reformas;
- Gerenciamento dos impactos ambientais nos diversos procedimentos da Igreja;
- Utilização de produtos ambientalmente corretos na zeladoria da Igreja;

Fonte: O pesquisador.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Estes aspectos foram investigados em dez igrejas em diferentes localidades, com média de sete respondentes por igreja, os quais fizeram parte de dois grupos predominantes: 65,71% estão na faixa etária entre os 20 e 30 anos de idade e 27,14% compõem o segundo maior grupo com idade entre 31 a 45 anos. Destes, 58,57% é composto por mulheres contra 40% de homens, ambos os grupos pertencentes preponderantemente da classe econômica C com 64,29%, além de 14,29% da classe B e 21,43% da classe D que completaram o grupo de respondentes.

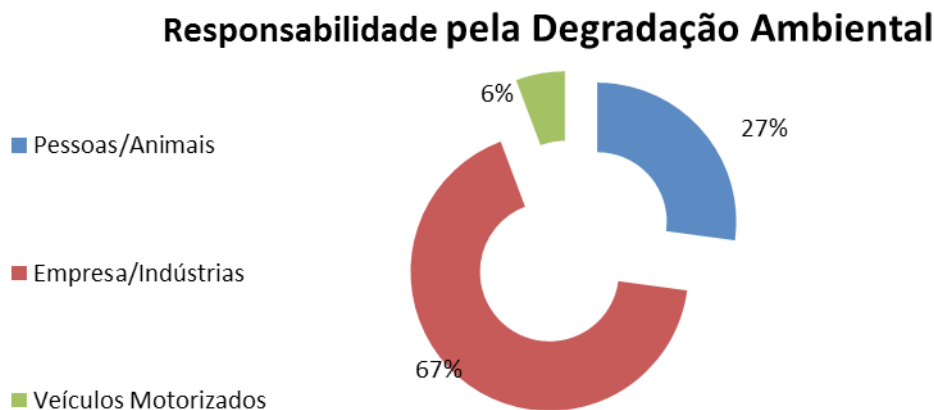
GRÁFICO 1: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DE GÊNEROS X FAIXA ETÁRIA



Fonte: O pesquisador.

No gráfico acima, os participantes da pesquisa estão representados de acordo com as proporções de gênero e faixa etária, percebendo-se que a maior parte é representada por mulheres com idade entre 20 e 30 anos, enquanto que o grupo dos homens é maior na faixa etária dos 31 aos 45 anos. Ambos os grupos foram investigados pelos mesmos parâmetros, sob as mesmas circunstâncias, com o objetivo de que os resultados correspondessem aos ideais deste estudo. Para estes participantes, as empresas têm uma parcela de responsabilidade maior na degradação ambiental do que as pessoas, como pode ser observado no gráfico abaixo.

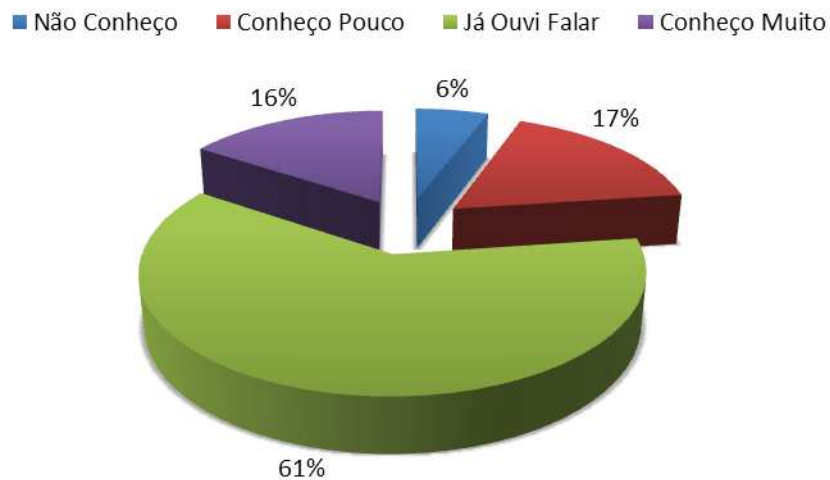
GRÁFICO 2: RESPONSABILIDADE PELOS IMPACTOS AMBIENTAIS: EMPRESAS X PESSOAS X VEÍCULOS



Fonte: O pesquisador.

A maior parte dos respondentes (67,14%) atribui os prejuízos ambientais às empresas e indústrias, conforme outras pesquisas já vinham mostrando (II Fórum Ibope de Desenvolvimento Sustentável; Dias, 2010). Porém, 27,14% deles não exclui a responsabilidade humana nestes impactos, afinal, como na opinião de alguns, quem dirige as organizações, quem gera resíduos poluentes na produção de bens e serviços para a satisfação de suas necessidades é o próprio homem, em torno do qual gravitam todos os demais interesses sociais e econômicos.

Analisando as questões que buscaram identificar se os participantes da pesquisa sabem definir o significado de sustentabilidade ambiental, observou-se que a maior parte entende o termo como respeito ao meio ambiente e à vida nele existente, ou seja, a ação responsável na utilização dos recursos naturais, na busca de minimizar os impactos a ele aplicados para satisfação das necessidades e desejos da sociedade. Esta é sua opinião, embora apenas tenham ouvido falar do tema e não tenham subsídios que lhes ajudem a caracterizá-lo em seus aspectos mais científicos e detalhados.

GRÁFICO 2: GRAU DE CONHECIMENTO DO TEMA

Fonte: O pesquisador.

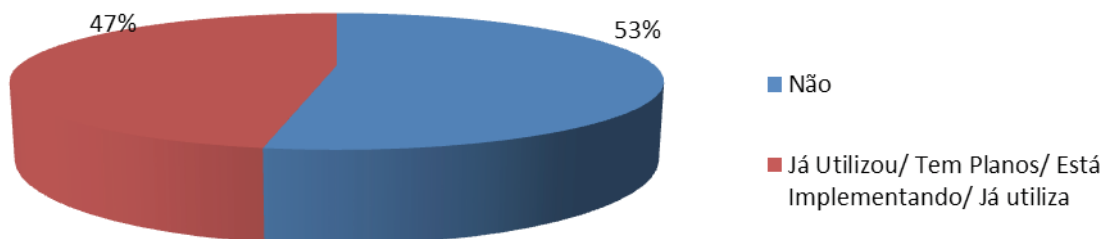
Ainda assim, 84,38% concordam/concordam plenamente que este é um tema relevante para a atualidade, visto que o bem estar e a segurança da população mundial dependem da capacidade de regeneração destes recursos naturais, pois se exaurirem-se, a qualidade de vida humana estará ameaçada. Este número é aumentado para 89% quando a questão é se este tema é tratado nas Sagradas Escrituras. Nesta questão, os participantes corroboram sua posição afirmando que além de ser importante na atualidade, é um tema dentre os quais se trata na Bíblia. Esta percepção é fundamental para a construção da mentalidade preservadora do meio ambiente, uma vez que as Escrituras são a norma de fé e prática para este segmento cristão, instrumento norteador de suas opiniões, procedimentos e filosofia de vida, modelando o comportamento em todos os aspectos da vida. Assim, se este Livro exerce tanta influência, sobre o pensamento advenstista e os próprios membros admitem que as questões ambientais estão nele contidos, basta haver um esforço por parte dos líderes no sentido de salientar a sua importância e aplicabilidade na vida diária, direcionando seu comportamento para a prática efetiva dos hábitos diários, o que contribuirá relevantemente para a mudança no atual e futuro cenário de preservação ambiental.

Curiosamente, apesar de admitirem ser um tema presente nas Escrituras, observou-se que a sustentabilidade ambiental (ou seus equivalentes) não está sistematicamente presente na pauta de “discursos” e sermões ou palestras expostas nas reuniões formais e informais dos participantes, pois de maneira predominante, 24,33% do grupo pesquisado nunca ouviu falar do tema na igreja, 40,63% admite que raramente ouve falar e 28,13% confirma que é um tema tratado às vezes. Ou seja, fazendo uma comparação com o gráfico 2 percebe-se que daqueles que possuem um grau de conhecimento de já ouviu falar (61%), a maior parte obtém este conhecimento de outras fontes e círculos de informação que não as reuniões da igreja. Estas informações mostram que o incentivo ou a conscientização do cuidado com a preservação ambiental é superficialmente abordado nos círculos adventistas, não figurando em suas pautas de assuntos a serem tratados pelos líderes ou pelos membros. Talvez a organização em estudo ainda esteja alienada quanto à crescente discussão deste tema nestes círculos

sociais e organizacionais, não atentando para quanta influência para o bem pode ser levada a efeito se em cada uma de suas igrejas o tema for debatido abertamente, de modo a informar e incentivar os fiéis a aumentarem as práticas ambientalmente sustentáveis, uma vez que estes líderes exercem grande influência sobre os membros, podendo criar nestes círculos o fortalecimento da consciência ambiental e da preocupação com os recursos naturais.

Observando se a IASD tem incorporado algum procedimento que auxilie a preservação ambiental, foi questionado aos participantes se haviam observado desde a construção da estrutura física do templo até os procedimentos diários, alguma iniciativa prática que resultou na diminuição dos impactos ambientais. Após apurada análise dos dados, constatou-se que embora boa parte não tenha visto a utilização de métodos ecosustentáveis, 32,81% afirma já ter observado práticas sustentáveis nas instalações adventistas, quase 11% tem planos ou já está implementando e quase 5% já utilizou.

GRÁFICO 3: UTILIZAÇÃO DE PROCEDIMENTOS AMBIENTALMENTE SUSTENTÁVEIS NA PERCEÇÃO DOS MEMBROS



Fonte: O pesquisador.

Isto revela que, embora a igreja não trate sistematicamente deste tema em suas reuniões, no momento da pesquisa, quase 50% dos participantes, em algum momento, puderam visualizar a igreja executando procedimentos sustentáveis. Porém a pesquisa não identificou se isto se deve a uma preocupação com o meio ambiente e os recursos naturais ou se é mera força de economia de recursos financeiros. Em todo caso, independente dos motivos, o fato é que o meio ambiente sofre menos impactos prejudiciais com este tipo de iniciativa.

Soma-se a estas iniciativas o fato de que 78,12% concordam que os cristãos devem ter maior compromisso com a preservação do meio ambiente. Estão certos, pois segundo a declaração da Organização Mundial da IASD, como exposto no texto na coluna abaixo, o entendimento e aceitação de que Deus é o criador de tudo, juntamente com o fato de que as ações cristãs devem possuir um caráter mais elevado que aqueles que rejeitam este entendimento, devem levar os fiéis a uma responsabilidade e cuidado maiores com os recursos que o próprio Deus trouxe à existência, destinando parte deles à satisfação e manutenção das necessidades humanas. Ou seja, pode-se perceber a existência de disposição dos Adventistas do Sétimo Dia a fim de incorporar o comportamento ambientalmente mais sustentável dentro do seu espectro de procedimentos, à semelhança do que têm feito outras organizações de outros ramos e segmentos de mercado. Em suma, para ser considerada ambientalmente sustentável, a IASD depende de tomar iniciativas tanto a nível Organizacional, com o apoio e incentivo de seus líderes e executivos *seniors*, quanto pelo comportamento de seus membros que detém o potencial de ajudá-la a incluir-se neste seletivo grupo de empresas que, de maneira ética, respeita a “sensibilidade” e o tempo de regeneração necessária para que o meio ambiente se

recupere dos impactos sofridos devido a vários tipos de ações organizacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pôde ser observado, na ótica dos participantes deste estudo, as práticas ambientalmente sustentáveis não estão presentes nos procedimentos básicos da Organização da IASD e não é um tema regularmente tratado nas reuniões formais e informais destes participantes. Apesar disto, pôde-se observar uma mudança de mentalidade, pois a maior parte dos participantes considera este tema relevante na atualidade e demonstrou disposição em mudar o próprio comportamento, adotando medidas que auxiliem a conservação do ambiente natural, ao passo que promovem em seus círculos de relacionamento a discussão da importância do tema.

Além disso, a Organização da IASD não pode ser considerada completamente alienada ao tema, afinal, foi publicado o livro chamado “Declarações da Igreja” no qual é exposto seu posicionamento ante as questões ambientais. Parte desta declaração é exposta no quadro à esquerda. Assim, as informações levantadas neste estudo confirmam as afirmações de Geisler (2010) quando diz que entre os cristãos a preocupação com o meio ambiente é crescente e estes têm sentido sua importância para a mudança de paradigmas no cenário ambiental.

Às organizações cristãs também têm sido atribuída responsabilidade ética diante da preservação do meio ambiente. Alguém até poderia se questionar se a responsabilidade ética das organizações (igrejas) deve fazer parte das preocupações dos grupos religiosos, ou se este é um desvio do sentido original das Escrituras. Porém, se frente a crescente popularização do assunto entre as correntes científicas mais importantes, o mundo secular tem se posicionado, é também responsabilidade ética dos empreendimentos cristãos se envolverem, pois a eles também foi dada responsabilidade civil, social e econômica, sem, contudo, transformar a preservação ambiental numa visão panteísta, interpretando todas as coisas como ramificações de Deus.

Sendo assim, espera-se e sugere-se uma mudança efetiva nos procedimentos desta Organização, pois, sendo uma entidade confessional, de cunho religioso, a Organização e os fiéis da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), seus líderes e administradores defendem a moral, a conservação dos princípios e o respeito pelo semelhante, pela vida, incluindo um interesse especial para que a mensagem bíblica da salvação em Jesus Cristo alcance o maior número de pessoas possível. Deste modo, a ética e o respeito devem ser elementos norteadores de sua relação para com meio ambiente e as espécies animais e vegetais nele existentes, bem como a gestão ambiental de seu “negócio” deve estar entre suas práticas administrativas de modo a imprimir o menor desgaste possível ao ambiente no qual desenvolvem suas atividades.

As implicações para a IASD nascem a partir do fato de que, de alguns anos para cá, tem sido observada uma expectativa crescente em relação à necessidade de cidadãos e organizações investirem na proteção ao meio ambiente. Em alguns países este número chega a 60% da população, como é o caso dos EUA (GEISLER, 2010). Este movimento também tem experimentado um crescimento e desenvolvimento entre grupos evangélicos ligados à ética ambiental, podendo se tornar um núcleo

de apoio às ONG's e entidades governamentais que se dedicam ao estudo e à mitigação dos impactos ambientais. Assim, a IASD pode se aliar a estas entidades, penetrar nestes grupos de apoio ao meio ambiente e se tornar mais uma entidade religiosa que manifesta sua responsabilidade ética na conservação de todos os recursos naturais, ao passo que torna procedimentos como estes em premissas de seu pensamento e comportamento.

No contexto acadêmico, a pesquisa deixa um vasto campo de conhecimento a ser explorado, pois, naturalmente, devido a suas características exploratórias, não teve a intenção de finalizar todo o conteúdo abrangido por este tema, mas é notório o impacto que traz para o contexto acadêmico, uma vez que sugere a necessidade de tornar mais claros quais os mecanismos que dão acesso a práticas ambientalmente sustentáveis a organizações religiosas que não confeccionam um “produto” específico, mas que direta ou indiretamente exerce impactos sobre o meio ambiente. Por exemplo, pode-se investigar ‘quais os motivos que levam as organizações a se tornarem ambientalmente sustentáveis: financeiros ou éticos?’.

Em suma, deve-se levar em conta o fato de que os respondentes foram interpretados aqui como membros pertencentes a diferentes grupos sociais e classes econômicas e, por conseguinte, possuem diferentes formas de enxergar e valorizar a conjuntura que envolve o mundo globalizado da atualidade. Desta forma, uma pesquisa que utiliza a abordagem qualitativa, buscando interpretar mais detidamente a motivação, a razão e os ‘porques’ destes membros, ou mesmo, entrevistas com os executivos sênior da IASD e de outras organizações religiosas configura-se numa sugestão inovadora para um próximo estudo.

REFERÊNCIAS

- AGENDA 21: conferência das nações unidas sobre meio ambiente e desenvolvimento. Brasília DF: Câmara dos Deputados, 1995.
- ALONSO, Félix Ruiz; LÓPEZ, Francisco Granizo; CASTRUCCI, Plínio de Lauro. **Curso de ética em administração**. São Paulo: Atlas, 2006.
- ANDRADE, Rui Otávio Bernardes de; TACHIZAWA, Takeshy; CARVALHO, Ana Barbeiros de. **Gestão ambiental: enfoque estratégico aplicado ao desenvolvimento sustentável**. 2.ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2002.
- ARRUDA, Maria Cecília Courtinho de; WHITAKER, Maria do Carmo; RAMOS, José Maria Rodriguez. **Fundamentos de ética empresarial e econômica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- BARBIERI, José Carlos. **Desenvolvimento sustentável e meio ambiente: estratégias de mudanças da agenda 21**. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BURSZTYN, Marcel, et al. **CIÊNCIA, ética e sustentabilidade: desafios ao novo século**. 3.ed. São Paulo; Brasília DF: Cortez, 2002.
- CARTA DA TERRA, 2000 [Versão eletrônica], Disponível em: < www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf> Acesso em: 11 novembro 2010.
- CAVALCANTI, Clóvis (org). **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

CERVO, Amando Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CLARO, Priscila Borin de Oliveira; CLARO, Danny Pimentel; AMÂNCIO, Robson. Entendendo o conceito de sustentabilidade nas organizações. **Revista de Administração**, São Paulo, v.43, n.4, p.289-300, out./nov./dez. 2008. (*artigo online*)- Disponível em: < <http://www.rausp.usp.br/download.asp?file=v4304289.pdf>. > Acesso em: 14 maio 2012.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRITÉRIO de classificação econômica da associação brasileira de empresas de pesquisa. 2012. Disponível em: < <http://www.abep.org/novo/Content.aspx?ContentID=302>. > Acesso em: 08 setembro 2012.

DEPARTAMENTO DE SUSTENTABILIDADE DE WALMART BRASIL: **Sustentabilidade de Ponta a Ponta**, 2011. Disponível em: < <http://www.walmartbrasil.com.br/sustentabilidade/produtos-sustentaveis/sustentabilidade-ponta-a-ponta>. > Acesso em: 06 junho 2012.

DIAS, Reinaldo. **Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade**. 1.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

FERREIRA, Daniela Abrantes; ÁVILA, Marcos, FARIA, Marina Dias de. Efeitos da responsabilidade social corporativa na intenção de compra e no benefício percebido pelo consumidor: um estudo experimental. **Revista de Administração**, São Paulo, v.45, n.3, p.285-296, jul./ago/set. 2010. Disponível em: < http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-21072010000300007&lng=pt&nrm=iso. > Acesso em: 15 maio 2012.

GEISLER, Norman L. **Ética cristã: opções e questões contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2011.

KOTLER, P.; KELLER, K. L. **Administração de marketing**. Tradução de Mônica Rosenberg, Brasil Ramos Fernandes, Cláudia Freire. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LOURES, Rodrigo C. da Rocha. **Sustentabilidade XXI: educar e inovar sob uma nova consciência**. São Paulo: Editora Gente, 2009.

MARTINS, Gilberto de Andrade; TEÓFILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MOTTA, S. L. S.; ROSSI, G. B. A influência do fator ecológico na decisão de compra de bens de conveniência: um estudo exploratório na cidade de São Paulo. **Revista de Administração**, São Paulo, v.38, n.1, p.46-57, jan./fev./mar. 2003. Recuperado de <http://www.rausp.usp.br/download.asp?file=V3801046.pdf>. Acesso em: 20 abril 2010.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. **Trajatória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico**. (*artigo online*). Disponível em: < www.scielo.br/pdf/ea/v26n74/a05v26n74.pdf. > Acesso em: 15 maio 2012.

NASH, Laura L; ROQUE, Katia Aparecida. **Ética nas empresas: boas intenções a parte**. São Paulo:

Makron Books, 1993.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão; et al. **Metodologias em educação ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SANTOS, Izequias Estevam dos. **Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica**. Niterói, RJ: Impetus, 2009.

SENGE, Peter M. **A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende**. Tradução de Gabriel Zide Neto. 25.ed. São Paulo: Best Seller, 2009.

SEIFFERT, Mari Elizabete Bernardini. **Gestão ambiental: instrumentos, esferas de ação e educação ambiental**. São Paulo: Atlas, 2007.

SILVA, Christian Luiz da (org). **Desenvolvimento sustentável: um modelo analítico, integrado e adaptativo**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TACHIZAWA, Takeshy; ANDRADE, Rui Otávio Bernardes de. **Gestão sócio ambiental: estratégias na nova era da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

TEIXEIRA, Nelson Gomes. **A ética no mundo da empresa**. Nelson Gomes Teixeira (org). São Paulo: Pioneira, 1998.